

ELZIRA

A MORTA
VIRGEM



Cx 6
1200

ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS



ELZIRA, A MORTA VIRGEM

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei
na Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374
SÃO PAULO - 6

ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS

ELZIRA, A MORTA VIRGEM



Este livro é um exemplo
A todo pai de família
Traz a notícia da mãe
Que assassinou sua filha
Era a môça mais formosa
Tinha na face de rosa
Perfumes de baunilha.

Quem ama, lendo êste livro
Sofrerá forte vertigem
Não é história inventada
Teve ela a sua origem
Senhores e senhorinhas
Aqui trato nestas linhas
De Elzira, a morta virgem.

Foi no Rio de Janeiro
No fim do século passado
Que existiu um casal
Muito rico e respeitado
Dêsse amor sagrado e terno
Nasceu do colo materno
Elzira, o anjo adorado.

Chamava-se Dr. Flôres
O pai da linda donzela
Dona Candinha era a mãe
Nova ainda e muito bela
Rica e filha da cidade
Vivia na vaidade
Bondosa só era ela.

Elzira desde pequena
 Era linda, encantadora
 No jardim do palacete
 Como fada sedutora
 Ficava inda mais formosa
 Enfeitadinha de rosa
 A cabeleira tão loura.

Aos quinze anos de idade
 Tinha o porte soberano
 Fêz diversos moços nobres
 Morrerem no desengano
 A formosura de Elzira
 Era igual uma safira
 Nas águas do oceano.

Elzira ficava em casa
 Cuidando no seu labor
 Não era môça de farra
 Que vive de flor em flor
 Quando alguém fitava ela
 Dizia a jovem ãnzela:
 Falta nascer meu amor!

Ela só admirava
 Os cantos do rouxinol
 Os montes roubando as côres
 Das nuvens, no arrebol
 E a lua no horizonte
 Sorrindo detrás do monte
 Na hora do pôr do sol.

Mas a própria natureza
 Tem uma espada de dor
 Que traspassa o coração
 Seja êle de quem fôr

Essa espada tem um nome
 Que à tôda gente consome
 Vos digo claro — é amor!

Numa noite de São João
 Nasceu-lhe o primeiro amor
 Nasceu com tanta firmeza
 Que nem do sol o vigor
 Houve nêle a desventura
 Mas o caos da sepultura
 Não suprimiu-lhe o calor.

Numa casa em Botafogo
 Em rico e nobre salão
 Houve a festa de costume
 Comemorando a São João
 Dr. Flôres e a filha
 Afinal tôda a família
 Assistia essa função.

Senhor Mores era o dono
 Da dita casa tão bela
 Casado catôlicamente
 Com a dona Florisbela
 Era um casal de andorinha
 Que pousa de tardezinha
 Sôbre a tôrre da capela!...

Encheu-se o salão de gente
 Da mais alta fidalguia
 A fogueira no terreiro
 Nos ares balão subia
 Disse dona Florisbela:
 — Canta, turma da Favela
 Hoje é noite de alegria!

Um môço de vinte anos
Apareceu no salão
Decentemente trajado
E de fina educação
Todo o povo apreciou
Quando o jovem dedilhou
Elegante violão.

Elzira vendo êsse jovem
Sossêgo não teve mais
Beleza não tinha visto
Igual a dêsse rapaz
Foi um raio de paixão
Que feriu-lhe o coração
Só para não vê-la em paz.

Êsse rapaz era Amâncio
Que em São Paulo estudava
Eugênio, filho de Mores
Com êle se acompanhava
Cursavam suas matérias
Porém, no tempo das férias
A metrópole os esperava.

Elzira que era amiga
Da senhora Florisbela
Perguntou quem era aquêle
De aparência tão bela
Que nos seus dias de vida
Essa figura querida
Tão bem agradara a ela.

Florisbela assim lhe disse:
— Êsse môço é estudante
Aprende em faculdade
Na Capital Bandeirante

Anda junto com meu filho
Da nobreza tem o brilho
É um rapaz elegante.

Elzira disse, inquieta:
— Florisbela, por favor
Me apresente a êsse jovem
Que caiu no meu amor
Desejo casar com êle
Meu coração é só dêle
Juro por Nosso Senhor.

Florisbela apresentou-a
Naquele mesmo momento
Quando Amâncio viu Elzira
Quase dá um passamento
Disse: — Dona Florisbela
Mostrou-me agora a donzela
Que me deu resfriamento.

Amâncio disse à Elzira:
— Jovem, tenha a gentileza
Vamos dançar um pouquinho
Que eu vou a Santa Teresa
Mas, seu coração dizendo:
Eu por ela estou morrendo
Só nela encontrei firmeza.

Dançou respeitosamente
Amâncio com a donzela
Primeira e segunda parte
E ficaram na janela
— Menina, quando te vi
Apaixonei-me por ti
Amâncio dizia a ela.

Elzira disse a Amâncio:
 — Tu és meu amor primeiro
 Provando com tôda gente
 Daqui do Rio de Janeiro
 Mas se você me enjeitar
 A outro não hei-de amar
 Você será derradeiro.

Amâncio acreditou nela
 Pois nesse tempo passado
 Tinha o jovem uma pequena
 E a pequena um namorado
 Mas não como hoje em dia
 Que o amor é anarquia
 Mesmo até para o casado.

Os jovens ficaram presos
 Nesse laço de amizade
 Ela prometia a êle
 Firmeza e honestidade
 Foi tão firme aquêlê amor
 Como o sereno na flor
 Que não teme a tempestade.

Depois que dançaram um pouco
 Convidou ela ao rapaz
 Se assentaram emparelhados
 Que não passava nem gás
 Elzira com seu amor
 Nas faces tinha um rubor
 Com vergonha de seus pais.

Porque se seus pais a vissem
 Justamente com namôro
 Quando ela chegasse em casa
 Se casaria com o couro

Pois nesse tempo passado
 Quem namorasse ligado
 Era um grande desafôro.

Mas amor tem tanta fôrça
 Que faz gente revoltosa
 Faz a alma mais humilde
 Ficar braba e furiosa
 Só um môço analfabeto
 Não fica logo inquieto
 Quando vê môça formosa.

Amâncio sentindo aroma
 E o cheirinho de Elzira
 Sonhava que os lábios dela
 Eram o mel da jandaíra
 Foi tão forte essa amizade
 Que dizia êle: É verdade
 Se alguém dissesse: É mentira!

Meia-noite, mais ou menos
 O brinquedo terminou
 Dr. Flôres com a família
 P'ra sua casa voltou
 Amâncio, amando a donzela
 Seu coração foi com ela
 Com êle o dela ficou...

Amâncio foi se deitar
 Com Eugênio o seu colega
 Mas o sono fugiu dêle
 Deixando ilusão bem cega
 Eugênio dêle inquiriu
 Porque êle não dormiu
 E Amâncio assim alega:

— Amigo, não tenho cisma
De falar minha verdade
Se eu não casar com Elzira
Não fico nesta cidade
Deixarei tudo na vida
Chorando a mágoa sentida
Não me serve outra amizade.

Eugênio disse: — Colega
Elzira não tem defeito
Apaixonou-se por ti
Chorou pelo teu respeito
Eu a ela quero bem
E se ela não lhe convém
Me diga que eu meto o peito.

Amâncio disse: — Colega
Não zombe, por seu favor
O que eu tenho tudo é nosso
Dinheiro seja o que fôr
Mas digo de consciência
Tenha santa paciência
Elzira é só meu amor!

Eugênio disse: — Não sabes?
Contigo estou cagoando
Qualquer dia nós saímos
Pela rua, passeando
E vamos à casa dela
Tão linda ali na janela
Elzira está te esperando.

Nos três dias mais ou menos
Os dois saíram a passeio
Chegaram em casa de Elzira
Houve o maior galanteio

Elzira mudou de côr
Vendo Amâncio, o seu amor
Disse a si mesma: Ele veio!

Dr. Flôres disse adeus
Com a maior alegria
Elzira de tão alegre
Não soube nem que fazia
Ali mesmo no salão
Foi um aperto de mão
Que ainda dói hoje em dia.

Pois tinha ela voltado
Com uma dor no coração
Pensando no seu benzinho
Ficou cheia de impressão
Seu sentido não saía
Do jovem de simpatia
Lá da festa de São João.

O doutor os recebeu
E disse: — Venha, Candinha
Ela veio aborrecida
Do alpendre da cozinha
Ali os cumprimentou
Mas de repente voltou
Entrou numa camarinha.

Elzira fêz um café
Botou para êles dois
E todos ali na mesa
Bem juntinho ela se pôs
Servindo-se dos manjares
Trocavam doces olhares
O resto eu digo depois...

Depois da doce palestra
E conversinhas de amôres
Amâncio se despedia
Agradecendo os favores
Elzira foi ao canteiro
E com um riso feiçozeiro
Lhe deu um bouquet de flôres.
Amâncio dali saiu
Cheio de vida e prazer
Conheceu que essa união
Só faltava resolver
Sentia naquelas flôres
Perfumes de dois amôres
Que se aniam até morrer.

As férias dos dois amigos
Logo iam terminar
P'ra Capital de São Paulo
Ambos tinham que voltar
Na manhã do outro dia
O trem de ferro partia
Deixando Elzira a chorar.

Chegou o jovem em São Paulo
A terra do grande frio
Seu cuidado era na letra
Mas o sentido no Rio
Pensando em sua pequena
Perfumada de açucena
Seu rosto lindo e macio.

Amâncio lá no estudo
Ficou como quem delira
O mestre dizia: — Amâncio.
Escreva o nome Jandira

E êle molhava a pena
Com sua letra serena
Pintava o nome de Elzira.

De São Paulo êle escreveu
Para Dona Florisbela
Recomendando lembrança
E um abraço em sua bela
E que essa mesma senhora
Respondesse sem demora
Lhe dando notícias dela.

Florisbela então mostrou
À Elzira essa cartinha
Elzira derramou lágrimas
Nesse dia, à tardezinha
Chorosa disse a donzela:
— Minha amiga Florisbela
Responda lembrança minha!

Quando Amâncio recebeu
A cartinha com lembrança
Ficou louco de alegria
Avivou tôda a esperança
Mais contente ficaria
Quando lhe chegasse o dia
D'uma dourada aliança.

Depois Amâncio escreveu
Diretamente p'ra ela
Porém a cartinha dentro
Da carta de Florisbela
Dizendo: "Elzira, meu bem
Minhas férias logo vêm
E outra festa como aquela".

Elzira lhe respondeu
 Dizendo: "Vem, meu benzinho
 Vivo sem pestanejar
 Olhando para o caminho
 Ah! Se eu fôsse um beija-flor
 Visitava o meu amor
 Dando beijos de carinho".

Elzira era mui formosa
 Era tanta a formosura
 Que fêz diversos rapazes
 Entrarem na sepultura
 Outros, por sua cegueira
 Se entregavam à bebedeira
 Casavam com a loucura.

Nessa quadra apareceu
 Um tal de Dr. Roberto
 Vendo a beleza de Elzira
 Ficava de queixo aberto
 Perdia tempo e amor
 Jogando mimosa flor
 Ao passar ali por perto.

Elzira não lhe olhava
 Nem nunca dera ousadia
 E Roberto apaixonado
 Para um jornal escrevia
 Depois de ficar pateta
 Tornou-se um grande poeta
 Do grande amor que sentia.

Ele escreveu um poema
 Numa página do jornal
 Dando a beleza de Elzira
 A um pintor imortal

Onde aqui eu reproduzo
 Não alterei o seu uso
 Nem a forma literal:

"Pintor que vive a sonhar
 Com quadros da Natureza
 Aqui eu quero te dar
 Eterna e prima beleza
 É a feição da mulher
 Que meu coração só quer
 Amar com tôda firmeza.

Na face dêste planeta
 Flor mais ridente não tem
 É o sorriso de Vênus
 No jardim do grande Além
 A Estrêla D'Alva pousando
 Altamente iluminando
 O bercinho de Belém.

Cabelos longos, macios
 Como fios de retroz
 Vão caindo pelos ombros
 Que lhe servem de lençóis
 Que corpinho delicado
 Parece d'anjo encantado
 O timbre da sua voz.

Aquêles olhos cintilam
 Como estrelinhas no céu
 Quão bela será Elzira
 Do amor tendo o troféu
 No pé do sagrado altar
 Ouvindo o padre rezar
 E ela de grinalda e véu!!

Que faces belas rosadas
 Como as nuvens da manhã
 Se há sereia encantada
 Elzira dela é irmã
 É a flor maravilhosa
 Que na manhã radiosa
 Seduz a maracanã!...

Que lábios de mel das selvas
 Onde sugam beija-flôres
 Pintor, se Deus te fizeste
 Como maior dos pintores
 Preparas a tua tela
 Mas olhando Elzira bela
 Teu pincel cai de temores.

Elzira andando a passeio
 Tem da lua cheia a luz
 Nem o mar beijando areia
 Nem borboletas azuis
 É mais risonha que os campos
 Onde lindos pirilampos
 Divina fada os seduz.

Sua mãozinha estendida
 É uma rosa de amor
 Cada dedo é uma pétala
 A palma mimosa flor
 Seu corpinho moldurado
 No Éden foi burilado
 Pelo divino escultor.

Dois róseos pomos arfando
 Como fruto proibido
 Cada perna é uma cana
 Num êrmo desconhecido

Suas cadeiras formosas
 Parecem das vaidosas
 Donzelas do rei Cupido''.

Elzira lia o jornal
 Encontrava êste poema
 Mas não achava nem graça
 E não gostava do tema
 Dando dela a descrição
 Seu corpo de perfeição
 Como o da linda Iracema.

Depois o Dr. Roberto
 Fêz decente poesia
 Citando dourado sonho
 Na esperança de um dia
 Nas cordas de sua lira
 Falava p'ra "sua" Elzira
 A ela se dirigia:

"Sonhei, Elzira, esta noite
 Que nós tínhamos casado
 Vivíamos como dois anjos
 Em um jardim encantado
 Entre flôres coloridas
 Já não eram duas vidas
 Era um lar e um condado.

Que horas deliciosas
 Nós naquele grande amor
 Vendo as águas cristalinas
 Douradas ao sol se pôr
 Vendo anjinhos saltitando
 De rosa em rosa voando
 Com asas de beija-flor.

A brisa pura passava
Do amor tendo o perfume
A noite era iluminada
Pela luz de vagalume
Eu naquele grande amor
Até de nosso Senhor
De ti eu tinha ciúme.

Não despreza a quem te ama
De alma e de coração
Se não me casar contigo
Acabo na solidão
Onde só a natureza
Assista minha tristeza
Rolando no frio chão.

Pobre de mim se você
Desprezar o meu carinho
É destruído o meu sonho
E desfeito o nosso ninho
Vem a mim, ó meu amor
Abafar a minha dor
Com um abraço e um beijinho”.

Sem conta foram os poemas
Que êsse doutor escreveu
Mas lhe disseram que Elzira
Já tinha o benzinho seu
Roberto sabendo disso
Abandonou o serviço
Bebendo quase morreu...

Mas Elzira só pensava
No seu queridinho Amâncio
Que desde sua partida
Não teve n'alma o descanso

Sempre que o trem apitava
Elzira triste chorava
A lágrima dava remanso.

Um dia ela no jardim
Pensando no seu amor
Com um galho de roseira
Que desabrochava a flor
Riscou um substantivo
Amâncio — um nome tão vivo
Que dava inveja a pintor.

Lendo êsse nome tão lindo
Elzira triste chorou
De repente em suas costas
O Dr. Flôres chegou
Dizendo: — Que é isto Elzira
Até parece mentira!
E ela ali se assustou.

O doutor disse: — Candinha
Vou te contar um passado:
— Elzira, lá no jardim
Fêz um nome desenhado
Ia o nome soletrando
As lágrimas iam rolando
Que tinha um lenço molhado.

Candinha disse: — Você
Pôde ver que nome era?
O doutor disse: — Era *Amâncio*
Elzira por êle espera
Candinha disse: — Maldita
Bem sei que ela necessita
De uma jaula, como fera.

Aproximava-se o tempo
De Amâncio regressar
E uma carta amorosa
Foi adiante avisar
Elzira teve alegria
Quando ouviu um belo dia
O trem paulista apitar.

Amâncio dera uma "gorja"
Ao maquinista do trem
P'ra êle apitar saudoso
Desde a Estação de Belém
Elzira com alegria
Consigo mesma dizia:
Meu Deus, Amâncio já vem.

Chegam Eugênio e Amâncio
Em casa de Florisbela
E logo um telefonema
Cochichou com a donzela
E meia hora depois
Juntinhos se achavam os dois
O Amâncio e sua bela.

Pois ela mandou saber
O êxito do seu exame
Mandou também lhe dizer
Que por êle deu vexame
Sua saudade era tanta
Que à noite, nos pés da Santa
Fazia forte reclame.

Amâncio foi visitar
A sua bela pequena
Que ansiosa esperava
Alegre como falena

No mesmo dia à tardinha
Ele já da queridinha
Beijava a face morena.

Nos carinhos lhe dizia:
— Tu és o meu coração
Mais eu me sinto feliz
Depois da nossa união
Se você casa comigo
Sem temer nenhum perigo
Vou pedir a tua mão.

Elzira lhe respondeu:
— Meu amor sou tôda tua
Só dois astros alumiam
Ês o sol, eu sou a lua
Pode pedir minha mão
Quer papai queira quer não
A amizade continua.

Amâncio voltou de noite
P'ra casa de Florisbela
E sôbre sua proposta
Fêz tudo ciente a ela
Ela disse: — Meu rapaz
Assim mesmo é que se faz
E Elzira é digna e bela.

Eu tenho quase certeza
De você ser bem aceito
Porque môça é p'ra casar
Você é rapaz direito
Não tem pai nem parentela
Sendo de vontade dela
Aí está o conceito.

Amâncio no outro dia
Com tôda disposição
Vestiu-se de fino trato
Tomou uma condução
Foi à casa da donzela
Em consentimento dela
De pedir a sua mão.

Estava ali Dr. Flôres
Assentado no salão
Amâncio lhe deu bom-dia
E pegou na sua mão
Foi dizendo: — Dr. Flôres
Além dos muitos favores
Peço que dê-me atenção.

Quem me trouxe até aqui
Agora neste momento
Foi que tive de Elzira
Sincero consentimento
E se sou merecedor
Venho pedir ao senhor
A mão dela em casamento.

O doutor lhe disse: — Amâncio
Ciente estou da proposta
Porém eu neste momento
Não posso te dar resposta
Vou falar com a mulher
Para saber se ela quer
Mas acho que ela não gosta.

Amâncio se despediu
Porém da côr de pimenta
Dizendo êle: Quem ama
É dos menos que agüenta

Mas donzela como Elzira
É uma pedra de safira
Que até a santo contenta.

Voltando êle p'ra casa
Ficou uma temporada
Esperando essa resposta
Mas não respondiam nada
Como quem nada queria
Êle lá aparecia
Mas a resposta calada.

O doutor Flôres temia
De falar isso à mulher
Pois a velha era o Diabo
Lutando com Lucifer
Se dissesse ela que não
Virava até um dragão
Não atendia a qualquer.

Um dia por esta forma
Elzira falou ao pai:
— Papai, cadê a resposta
Que a gente espera e não sai?
Ele disse: — Paciência
Eu vou tomar providência
Pois com calma, tudo vai!

O doutor foi à mulher
Dizendo: — Dona, Candinha
Amâncio pediu a mão
De nossa filha, à tardinha
Que foi que lhe disse eu
O nome que ela escreveu!
Eu sou velho que advinha!

Candinha torceu a cara
Fêz um gesto munganguento
E disse: — Não vê que Elzira
Não é p'ra êsse nojento?
Ela é rica de beleza
Só o conde de Veneza
Terá ela em casamento!

O doutor disse: — Candinha
Não sou gavião nem pêga
Amâncio é rapaz direito
De lero-lero já chega
Candinha disse, nervosa:
— Aquêlê cara sebosa
Parece que não se enxerga.

Doutor Flôres perguntou:
— Que resposta eu dou a êle?
Candinha disse: — Nenhuma
E vá se saindo dêle
Pois minha filha é galante
Não casa com um estudante
De baixa classe daquele.

Amâncio inocentemente
Ia lá de vez em quando
Voltaria brevemente
P'ra onde estava estudando
Elzira bem lhe queria
E sempre lhe prometia
De morrer firme o amando.

Candinha um dia falou
Dizendo: — Filha querida
A gente deve tomar
Certa atitude na vida

De um certo tempo p'ra cá
Você é carne da apá
Sem alegria e guarida?

Eu vou lhe ser positiva
Não precisa acanhamento
Vamos tomar providência
Tratar de seu casamento
Arranjar um môço rico
Não é Cazuza nem Chico
Moleques do pé cinzento.

Elzira com êsse pé
Usou o palavreado
Dizendo: — Meu pai já sabe
Quem é o meu namorado
Veio pedir minha mão
Falta lhe dar decisão
Mas êle é do meu agrado.

Candinha disse: — Êste engôdo
É feito por Florisbela
Não sei onde ela arranjou
Êsse beijo de gamela
Se êle inda vir aqui
Sei que é por causa de ti
Eu quero dar-te fivela.

E já saiu com Elzira
Puxando pelo cabelo
A pobre Elzira gritava
Mas ali não tinha apêlo
E dêsse dia em diante
Entre ela e seu galante
Houve duro desmantêlo.

Pois a velha não deixava
 Nem Elzira passear
 Se ela ia ao toucador
 A mãe já ia encencar
 Nesse tempo angustiado
 Amâncio tinha voltado
 Para São Paulo, estudar!

De São Paulo o jovem Amâncio
 Escrevia bilhetinho
 A velha era quem pegava
 E dava desencaminho
 Relinchava e se danava
 Quando Elzira conversava
 Até mesmo com um vizinho.

A môça perdeu a graça
 Começou a definhar
 Trancada na camarinha
 Sua vida era bordar
 De Amâncio não se esquecia
 Tôda hora, todo dia
 Passava o tempo a chorar.

Mesmo em hora de comida
 A mãe metia desgosto
 Elzira se levantava
 Voltava para o seu pôsto
 Foi assim esmorecendo
 Pálida e emagrecendo
 Perdendo a feição do rosto.

Doutor Flôres vendo a filha
 Da grossura dum espêto
 Tomou até um espanto
 Diante a êsse esqueleto

Quis até se suicidar
 Porque pensou em tomar
 Um pouco de cianureto.

Mas mudou o pensamento
 Por ser muito idealista
 Foi à procura dum médico
 Cristão e especialista
 Êste fêz uma consulta
 Só não cobrou-lhe uma multa
 Por ser muito naturalista.

Receitou alguns remédios
 Mas disse ao velho em surdina:
 — Colega, está muito grave
 O estado da menina
 Saiba que o mal de amor
 Também tem a sua dor
 Que p'ra morte se destina.

Certa noite a jovem Elzira
 Tossiu que até desmaiou
 Escarrando sangue vivo
 Porém a ninguém contou
 Daí por diante então
 Foi sofrendo do pulmão
 Seu estado piorou.

Os médicos por uma bôca
 A mesma coisa diziam
 Que mudasse ela de clima
 E êles assistiriam
 Sofria muito a donzela
 No auge que estava ela
 Êles nada garantiam.

Disse o velho para a velha:
— Está bem mal nossa filha
A gente só tem descanso
Enquanto não tem família
Para ver se ela melhora
Chamemos Amâncio agora
P'ra arrumar tôda a mobília.

A velha disse: — É o jeito
Dar urgente decisão
Mandar dizer que êle venha
P'ra fazer arrumação
Casamento demorado
Nunca dá bom resultado
Esta é boa ocasião.

O velho escreveu a carta:

“Amigo Dr. Amâncio
A sua futura espôsa
O espera sem descanso
Para o vosso casamento
Damos o consentimento
Tudo faço e afianço”.

Amâncio pegou a carta
Até chorou de alegria
Mas não podia deixar
O estudo nem um dia
Respondeu essa cartinha
Dizendo o que lhe convinha
E que com gôsto aceitaria.

“Meu amigo Dr. Flôres
Minha alegria é demais
Já estava sem esperança
Assim não é que se faz

Não posso seguir agora
Mas não é grande demora
Saudações cordiais”.

Mostraram a carta à Elzira
Mas ela disse a seus pais:
— Eu queria não quizeram
Agora é tarde demais
Meu casamento é mais sério
No fundo do cemitério
Vejo meus restos mortais.

Caudinha derramou pranto
Não sei se de falsidade
A donzela emagrecia
Ficando o couro e a grade
Foi levada a bela prenda
Para distante fazenda
A dez léguas da cidade.

Elzira lá na fazenda
Caiu em cima da cama
Porém via da janela
Tão alegre panorama
Avistava ben-te-vis
Dizendo à pobre infeliz:
Triste vida — de quem ama.

Então vendo o Dr. Flôres
Sua filha em aflição
Foi chamar um sacerdote
Para ouvi-la em confissão
Veio o padre no momento
Concedeu-lhe o sacramento
Que se chama extrema-unção.

Findou Amâncio os estudos
Se dirigiu para o Rio
A Central interrompida
Ele tomou um navio
Chegando então Florisbela
Disse que estava a donzela
Nesse estado doentio.

Pegou Amâncio um cavalo
Se dirigiu p'ra fazenda
Querendo ainda abraçar
Sua melindrosa prenda
A noite cobriu a terra
Só se ouvia na serra
Piar insetos na fenda.

Leitor avalie um pouco
A força que o amor tem
Um jovem deixar São Paulo
Deixar o Rio também
Meter-se nesse esquisito
Onde não se ouve um grito
Em procura do seu bem.

Chegando êle encontrou
Elzira em última agonia
Nos lençóis e alvas fronthas
Raios de sangue se via
Triste uma vela chorando
Amâncio foi perguntando
Se ela inda o conhecia.

Elzira disse: — Benzinho
Aonde você se esconde?
Por você tenho chamado
E você nada responde

Morri pelo teu amor
Agora Nosso Senhor
Me leva não sei p'ra onde!

Ali nos braços de Amâncio
Deu ela o último suspiro
Amâncio disse: — Oh!

[Meu Deus

A morte também prefiro
Morreu Elzira meu bem
Não amarei mais ninguém
Do peito a dor nunca tiro.

Foi Elzira no caixão
Para o Rio de Janeiro
Os pais, irmãos e parentes
E Amâncio em grande
[berreiro

Nesse cortêjo funério
Ao chegar no cemitério
Houve aí um paradeiro.

Apareceu um rapaz
Maltrapilho, pé no chão
Pedi para improvisar
As mágoas do coração
E quase em melancolia
Criou esta poesia
Em frente dêsse caixão:

“Elzira fôste pro céu
Aos pés do Soberano
Em vida teus olhos tinham
A côr do verde oceano

Agora no Paraíso
Até o dia do juízo
Tende dó de mim humano.

Por ti eu perdi a vida
Morreste por outro amor
Por mim estás perdoada
Devo cumprir minha dor
E tu com tão lindo véu
Tens alegria no céu
Nos pés de Nosso Senhor”.

Era Roberto, o doutor
Que a paixão o consumira
Entregou-se à embriaguês
Só pelo amor de Elzira
Doente foi internado
Morreu triste abandonado
Seu consôlo era a *jupira*.

Fizeram logo o entêrro
De Elzira, a doce morena
A natureza enfeitou
Sua cova de verbena
Vive ali eterno amor
Todo coberto de flor
De rosa, cravo e açucena.

Voltou Amâncio a São
[Paulo

Realizar seu estudo
Foi o melhor cidadão
Teve nome de graúdo
Enriqueceu, prosperou
Mas porém nunca casou
Chorando sempre a miúdo.

Tomou a velha Candinha
A lição do velho mundo
Casou depois uma filha
Com um sujeito vagabundo
Judiava ela demais
Na presença de seus pais
Com absurdo profundo.

Amâncio milionário
Morava num bangalô
Candinha já muito velha
Pedindo a êle favor
Êle fêz um mausoléu
Tão branquinho como véu
Pros restos do seu amor.

Candinha velha corcunda
Cheia de pulga de pé
Dizia vendo o exemplo
A fortuna é p'ra quem é
Sua riqueza acabada
Era-lhe às vêzes negada
Uma chícara de café.

Um dia o Dr. Amâncio
P'ra Europa viajou
Recebeu lá uma carta
Dr. Flôres se acabou

Não passou uma semana
Recebeu um telegrama
Candinha se liquidou.

Agora vou terminar
A história fluminense
De "Elzira, a Morta
[Virgem"]

Que a Jesus hoje pertence
Mas digo, quem tem amor
E também não se dispor
Morre amando e nunca
[vence.

Não deve o pai ou a mãe
Proibir um casamento
Porque Deus já ordenou
Êste santo sacramento
Cada alma tem um dom
Ninguém sabe quem é bom
Debaixo do firmamento.

Naqueles tempos antigos
Dos coronéis cangaceiros
Êles proibiam as filhas
Com juízos traçoeiros
Elas às vêzes fugiam
Era aí que se faziam
Os romances verdadeiros.



4538
[extra ed. 11]



NO MISTÉRIO DO

SEXO

Um livro para ser lido
por pais e filhos.

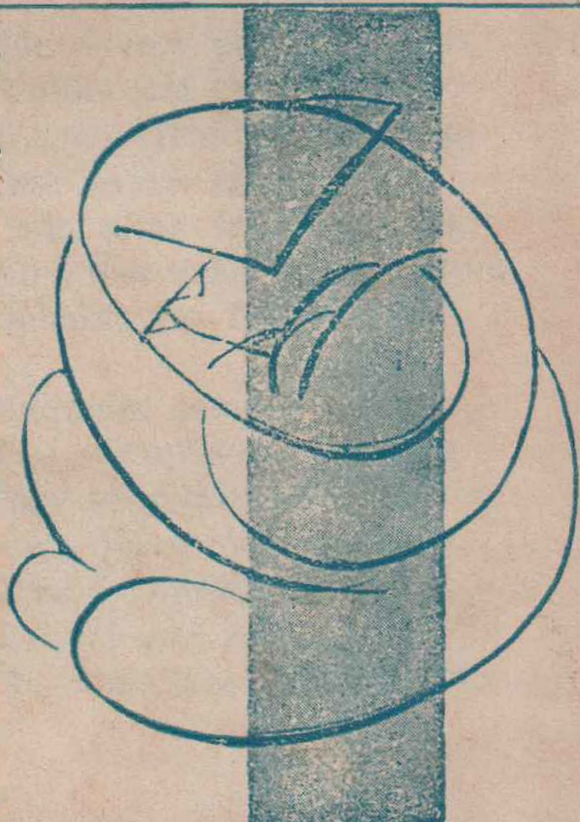
A verdade que todos
DEVEM saber sôbre a
vida sexual:

A verdade que todos
os pais DEVEM ensi-
nar aos filhos, sôbre
os problemas do sexo.

A verdade que todos
os filhos DEVEM a-
prender dos pais, sô-
bre os problemas do
sexo.

Um livro para ser lido
por qualquer pessoa
em qualquer lugar...

UM LIVRO COMPLETO



Peça a seu vendedor ou a EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — São Paulo-6

5/11/83